



Angola

Independência, as dores do parto

Em novembro de 1975, Angola preparava-se para a sua independência, conquistada após cinco séculos de resistência e 14 anos de luta armada contra o domínio colonial português.

Mas, apesar da alegria dos angolanos, o momento era também de extrema tensão. Na prática, a transição pacífica prevista nos Acordos de Alvor, assinados em janeiro de 1974 – segundo os quais Angola seria administrada até a independência por um governo de transição, que incluiria os três movimentos anticolonialistas daquele país africano – nunca se concretizou.

O quadro político pré e pós-independência terminou se definindo não na mesa de negociações, mas no campo militar. As forças do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), o mais antigo e, de fato, o único que lutou pela independência, liderado pelo médico e poeta Agostinho Neto, passaram a sofrer contínuos ataques da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), dirigida por Holden Roberto (com respaldo dos serviços de inteligência dos EUA e ajuda militar do Zaire) e da União para a Independência Total de Angola (Unita), que contava com o apoio ostensivo da África do Sul, da CIA e de alguns colonos portugueses.

A luta pelo controle da capital, Luanda, no primeiro semestre de 1975, marcou o início do que os angolanos chamam de “segunda guerra de libertação”. Após uma árdua batalha, na qual se disputou cada esquina e cada edifício, o MPLA conseguiu expulsar de Luanda os dois movimentos rivais.

Em setembro e outubro, porém, o Zaire – cujo presidente, Mobutu Sese Seko, é cunhado de Holden Roberto – invadiu Angola pelo norte, enquanto tropas da África do Sul, com a cumplicidade da Unita, avançavam rumo a Luanda, vindo pelo sul.

Apesar de todas as pressões, do país estar sendo invadido e da capital se encontrar sitiada, no dia 11 de novembro de 1975, Agostinho Neto proclamou a independência, rapidamente reconhecida pelo Brasil, pelos países africanos e boa parte da comunidade internacional. Quinze mil soldados cubanos se somaram às forças do MPLA, para impedir o avanço sul-africano e obrigar o Zaire a retroceder.

É este momento histórico para Angola e o resto da África que a equipe de **cadernos** acompanhou in loco e cujo testemunho republicamos agora. Hoje, Angola vive uma etapa tão dramática quanto à da sua independência, devido à insistência da Unita na linha militarista. Em 1992, a Unita desconheceu os resultados das primeiras eleições multipartidárias – realizadas em setembro daquele ano e que deram a vitória ao presidente Eduardo dos Santos, do MPLA – e partiu para a ofensiva no campo de batalha.

O recrudescimento da guerra, que se prolonga até hoje, destruiu boa parte da infra-estrutura do país e tem provocado a fome e a morte de quase mil pessoas por dia. Apesar de ser um dos mais sangrentos conflitos desta década, a guerra de Angola permanece praticamente ignorada pela comunidade internacional.